

# *Paulo Nogueira nega ter plano*

Paulo Nogueira Batista Jr., o assessor do ministro da Fazenda ocupado sobretudo com questões de dívida externa, virou motivo de piadas para os outros integrantes da numerosa delegação brasileira, depois que se publicou que ele trazia na mala um plano de renegociação da dívida brasileira. De fato, Paulo Nogueira Batista Jr. não se separa jamais de uma gorda pasta executiva, mas jura que não tem plano algum dentro dela.

"Isto é bobagem", diz, laconicamente.

De fato, tanto o ministro Dilson Funaro como seus principais assessores ainda não parecem ter chegado à confecção final de um plano elaborado em detalhes para renegociar a dívida brasileira. Eles não estão em Washington para isto, garantem todos, em uníssono: "Aqui estamos principalmente ouvindo, não vamos precipitar nada", diz um assessor.

Na delegação brasileira há um otimismo sobre a recente viagem do ministro a Europa — quando ele explicou aos governos, empresários e banqueiros da Inglaterra, Alemanha e França os objetivos do governo brasileiro (reduzir a transfe-

rência líquida de recursos para o exterior, para manter o crescimento e ampliar as importações brasileiras) — nem sempre partilhado por funcionários do Fundo, do Banco Mundial, de alguns bancos internacionais e por jornalistas estrangeiros.

Já ouvi várias versões sobre as conversas, todas elas coincidentes, e não sei ainda de onde sai tanto motivo para confiança. Até agora, não vi ninguém inclinado a aceitar mesmo as posições brasileiras — disse um experimentado diplomata em Washington.

No Fundo Monetário, uma fonte afirma que a disputa entre o Brasil e os governos credores parece, no momento, um exercício monótono para ver quem vence o outro pelo cansaço de ouvir sempre a mesma coisa. A mesma fonte acha que o governo brasileiro manobrou-se em posição difícil e desnecessária ao transformar a ida ao Fundo num dogma político da Nova República.

Entre banqueiros estrangeiros — e todos os principais deles já chegaram a Washington — as conversas normalmente fazem uma elegante volta sobre a questão do Fundo. Entre os europeus, há certo otimismo quanto à volta do Brasil

ao mercado voluntário de empréstimos (outro objetivo principal do governo brasileiro).

Se o Brasil conseguir nos próximos meses que um só grande banco estrangeiro lhe conceda um empréstimo, as barreiras imediatamente cairão e haverá filas no Rio e em Brasília de banqueiros querendo emprestar. O momento psicológico, por isso mesmo, é o mais importante atualmente — assinalou um importante banqueiro alemão, falando em Washington.

A aceitação da principal tese brasileira (a recusa em ir ao Fundo como premissa para fechar acordos de renegociação com governos e bancos) depende, porém, basicamente do que os mexicanos conseguirem ou melhor do que eles não conseguirem. Na falta de um acordo com os bancos, o governo brasileiro estaria na posição (confortável, pelo menos a curto prazo) de assinalar com o dedo em riste: "Eu não disse?" Caso o acordo dos mexicanos com os bancos saia, a Argentina e o Brasil serão, nas palavras de um importante assessor do ministro Funaro, "os próximos na fila para receber pancada".